

# Alexandre Farto aka Vhils

## *Fenestra*

Versão PT

---

### Prisioneiros na Cidade Global

Desde 2014 que Vhils (Alexandre Farto) filma, em velocidades extremamente lentas, vistas banais de cidades de todo o mundo: Beijing, Cincinnati, Hong Kong, Lisboa, Los Angeles, Macau, Mexico City, Paris e Shanghai, são algumas das cidades onde trabalhou e que aqui nos envolvem e prendem.

Em 2018, nos espaços do centro cultural Cent Quatre, em Paris, Vhils apresentou uma primeira versão do conjunto desses registos urbanos. Tratava-se de uma sequência de projecções planas cada uma dela simulando, pela sua dimensão, a monumentalidade dos ecrãs panorâmicos. A escala estabelecida entre a imagem projectada e o espectador criava um confronto directo deste com os espaços urbanos registados, com a arquitectura envolvente, os peões e carros passantes. O espectador seguia a lenta deslocação dos elementos visuais registados em cada “panorama” e integrava-se neles alterando sem disso se aperceber a sua própria velocidade de circulação no espaço da exposição.

Agora, na Galeria Vera Cortês, fragmentos dessas mesmas cidades são projectados nas quatro paredes de um espaço contido e interior. A solução encontrada é inteiramente diversa. Segundo uma lógica de *carroussel* de imagens as cidades sucedem-se/encadeiam-se num *travelling* infinito e o espectador é rodeado pela corrente de imagens sem delas se conseguir libertar, como se estivesse preso numa armadilha visual. A banalidade das tomadas de vista em cada cidade (exibindo raramente sinais de fácil reconhecimento de cada uma delas) confunde-as entre si e obriga-nos a um constante jogo de identificação. O registo não-ficcional, mas documental ou evocativo dos registos simples das câmaras de vigilância separa este projecto de justificações estetizantes, auto-referenciais ou procuradas na história da arte. Esse baralhar de referências, esse confinamento espacial, mas também o regime que rege o fluxo visual proposto, são elementos essenciais na definição da situação de sujeição e constrangimento do espectador - o ritmo lento das imagens obriga-nos a um tempo de atenção/observação que se revela incómodo e nos conduz à exasperação;

ou somos tomados, nesse rodopio, por uma espécie de fascinação e vertigem horizontal.

Vhils usa registos obtidos num tempo pré-pandémico nas grandes metrópoles do mundo globalizado. Ou seja, Vhils trabalhou estas imagens num mundo ainda acelerado e vertiginoso que se considerava imune a todo retrocesso e a qualquer travagem. Mas, ao submeter as imagens banais que foi recolhendo a uma brutal desaceleração, Vhils como que antecipou a crise que agora vivemos - ao mito da velocidade moderna, contemporânea (e mesmo pós-moderna) contrapôs uma lentidão metafórica inusitada que 2020 tornou real, embora não se tenha encontrado ainda nem nome nem ideologia para a definir.

O habitante anónimo das cidades tal como Gogol, Poe ou Baudelaire o definiram no séc. XIX, a quem o séc. XX acentuou as características de isolamento e massificação, transformando-o de personagem literário em personagem fílmico, é confrontado, agora e aqui, com a sua própria impotência e desespero finais. O corpo e o destino global dos seres globais de todas as cidades do mundo existem e são mergulhados aqui numa atmosfera demasiado densa para que possam deslocar-se normalmente; e os acontecimentos simples que protagonizam (atravessar uma rua, andar num passeio, encontrar um interlocutor, olhar uma fachada), ao desenvolverem-se no ritmo de arrastamento que lhes é imposto, como que ficam impedidos de realmente se concluírem, ou somos nós, espectadores, que ficamos impedidos de assistir à sua conclusão - tudo fica suspenso num entre-tempo que se eterniza.

A lentidão que estas obras apresentam, não resulta numa travagem capaz de nos conduzir a uma plataforma de descanso; nem a desaceleração a que nos obrigam nos conduz a qualquer porto de paz. A verdade é que nós mesmos - não importa o tempo nem a velocidade, não importa o nosso estatuto nem nome da cidade em que vivemos - ficamos prisioneiros da mesma armadilha que prende todos figurantes destes vastos frescos urbanos concebidos por Vhils.

Lisboa, 30 Abril 2021

**João Pinharanda**



O artista português **Alexandre Farto aka Vhils** (n. 1987) tem desenvolvido uma linguagem visual singular com base na remoção das camadas superficiais de paredes e outros suportes através de ferramentas e técnicas não convencionais, estabelecendo reflexões simbólicas sobre a identidade, a relação de interdependência entre pessoas e o meio circundante, e a vida nas sociedades urbanas contemporâneas, assim como o impacto do desenvolvimento, da passagem do tempo e da transformação material. Tendo começado a interagir com o espaço urbano através da prática do graffiti no começo da década de 2000, Vhils tem sido aclamado como um dos mais inovadores artistas da sua geração. Os seus poéticos e comoventes retratos gravados em paredes delapidadas podem ser vistos a adornar paisagens urbanas pelo mundo fora. Com base na sua estética do vandalismo, Vhils destrói para criar – entalhando, cortando, perfurando e fazendo explodir através das camadas dos materiais. Porém, como um arqueólogo, Vhils remove de forma a expor, revelando a beleza que se encontra soterrada sob a superfície das coisas.

Desde 2005, já apresentou o seu trabalho em mais de 30 países à volta do mundo em exposições individuais e colectivas, intervenções site-specific, eventos e projectos artísticos em contextos vários – de trabalhos comunitários em favelas no Rio de Janeiro a colaborações com reputadas instituições artísticas e museológicas como o Contemporary Arts Center, Cincinnati (2020); Le Centquatre-Paris, Paris (2018); CAFA Art Museum, Pequim (2017); Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong (2016); Palais de Tokyo, Paris (2016); Fundação EDP, Lisboa (2014); e o Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego (2010), entre outras. Um ávido experimentalista, além da sua inovadora técnica de escultura em baixo-relevo – que forma a base do projecto “Scratching the Surface” –, Vhils tem desenvolvido a sua estética pessoal numa multiplicidade de suportes: da pintura com stencil à gravura em metal, de explosões pirotécnicas e vídeo a instalações esculturais. Também já realizou vários videoclipes, curtas metragens e duas produções de palco. Encontra-se representado em diversas colecções públicas e privadas em vários países.

Para mais informações p.f. contactar  
Laura Pastor: [lp@veracortes.com](mailto:lp@veracortes.com)

# Alexandre Farto aka Vhils

## *Fenestra*

EN version

---

### Prisoners in the Global City

Since 2014, Vhils (Alexandre Farto) has been shooting, at extremely slow speeds, everyday views of cities all over the world: Beijing, Cincinnati, Hong Kong, Lisbon, Los Angeles, Macau, Mexico City, Paris, and Shanghai, being just some of the cities where he worked, and that involve us and grab our attention.

In 2018, in the rooms of Cent Quatre, the cultural centre in Paris, Vhils presented a first version of this set of urban recordings. It was a sequence of flat projections, each one simulating, because of their size, the monumentality of widescreens. The scale established between the projected image and the audience created a direct confrontation between the viewer and the urban footage – the surrounding architecture, the pedestrians, and the passing cars. The spectator followed the slow-moving visual elements recorded in each “panorama” and blended in with them, altering their own momentum around the exhibition space, without realisation.

Now, at Galeria Vera Cortês, fragments of those same cities are projected on the four walls of a contained indoor space. The solution here is entirely different. According to an image-carousel logic, the cities appear one after the other, interlinked in a never-ending journey. Spectators are surrounded by a chain of images, unable to free themselves, as if captured in a visual trap. The triviality of the chosen shots for each city (rarely showing easily recognizable characteristics of each one of them) makes us mix them up, and forces us into a constant game of recognition. The non-fictional recordings, documental or simple camera surveillance footage, separate this project from aesthetic, self-referential, or art history justifications. The shuffling of references, the spatial confinement, as well as the regimen that dictates the proposed visual flux, are essential elements in the definition of the viewer’s situation – one of submission and constraint. The slow rhythm of the images forces us to a time of attention/observation, that reveals itself to be a discomfort that leads us to exasperation; or we are taken in by that whirlwind, by a kind of fascination and horizontal vertigo.

Vhils uses footage captured in a pre-pandemic time in major cities of the globalized world. Which is to say, Vhils worked these images in a world still accelerated and dizzying, which considered itself immune to any setback or any slowing down. But by submitting these everyday images that he gathered to a brutal deceleration, it's as if Vhils anticipated the crisis we are now living — he opposed the myth of the modern, contemporary (or even post-modern) velocity to an unusual metaphorical slowing down that became real in 2020, even though we have not yet found a name or an ideology to define it.

The anonymous inhabitants of cities, who are defined in the 19<sup>th</sup> Century by Gogol, Poe, or Baudelaire, have characteristics of isolation and massification accentuated by the 20<sup>th</sup> Century, turning these very inhabitants from literary characters into film characters. They are confronted, here and now, with their own helplessness and final desperation. The body and the global destiny of the global beings of every city in the world exist and are immersed here in an atmosphere too dense for them to move normally. The simple events they undertake (crossing the street, walking on a sidewalk, meeting an interlocutor, looking at a building's façade) while developing in the slow rhythm imposed on them, seeming as if they are prevented from really concluding themselves, or are we, the viewers, the ones prevented from watching their conclusion — all is suspended in a never-ending in-between time.

The slow speed that these works present, doesn't result in a slowing down capable of leading us to a platform of rest; nor does the deceleration we are forced into, take us to some harbour of peace. The truth is that we ourselves— regardless of the time or velocity, regardless of our status or the name of the city we live in — become captive of the same trap that imprisons all the extras in these vast urban frescos created by Vhils.

Lisbon, April 30<sup>th</sup> 2021

**João Pinharanda**



Portuguese visual artist **Alexandre Farto aka Vhils** (b. 1987) has developed a unique visual language based on the removal of the surface layers of walls and other media with nonconventional tools and techniques, establishing symbolic reflections on identity, the relationship of interdependence between people and the surrounding environment, and life in contemporary urban societies, as well as the impact of development, the passage of time, and material transformation. Having begun to interact with the urban environment through the practice of graffiti in the early 2000s, Vhils has been hailed as one of the most innovative artists of his generation. His poignant, poetic portraits chiselled into flaking walls can be seen adorning cityscapes around the world. Based on his aesthetics of vandalism, Vhils destroys as a means to create. He carves, cuts, drills, etches and blasts his way through the layers of materials. Yet, like an archaeologist, he removes in order to expose, bringing to light the beauty that lies trapped beneath the surface of things.

Since 2005, he has presented his work in over 30 countries around the world in solo and group exhibitions, site-specific art interventions, artistic events and projects in various contexts – from working with communities in the favelas of Rio de Janeiro, to collaborations with well-reputed artistic and museological institutions such as the Contemporary Arts Center, Cincinnati (2020); Le Centquatre-Paris, Paris (2018); CAFA Art Museum, Beijing (2017); Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong (2016); Palais de Tokyo, Paris (2016); EDP Foundation, Lisbon (2014); and the Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego (2010), among others. An avid experimentalist, besides his groundbreaking bas-relief carving technique – which forms the basis of the “Scratching the Surface” project –, Vhils has been developing his personal aesthetics in a plurality of media: from stencil painting to metal etching, from pyrotechnic explosions and video to sculptural installations. He has also directed several music videos, short films, and two stage productions. His work is represented in several public and private collections in various countries.

For more information please contact  
Laura Pastor: [lp@veracortes.com](mailto:lp@veracortes.com)